

## LÍNGUA PORTUGUESA E PINTURA CORPORAL: REFLEXÕES SOBRE COMUNICAÇÃO E ARTE NA VIDA DOS SURUÍ AIKEWÁRA

Raimundo de Araújo Tocantins

UNAMA/PPGCLC

Maria Adriana Azevedo

UNAMA/ Iniciação científica CNPq

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de refletir sobre duas formas diferentes de comunicação realizadas pelo povo indígena Aikewára: a língua portuguesa, com o propósito de interação entre os indígenas e a sociedade ocidental, atuando como importante ferramenta na luta por seus direitos e a pintura corporal Aikewára, como representação sociocultural e forma de expressar arte, diferença e resistência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Portuguesa; comunicação; cultura; escola; grafismo

### Duas formas de comunicar

Nos anos de 2010/2011, o GEDAI - Grupo de Estudos Mediações, Discursos e Sociedades Amazônicas, do qual fazemos parte, realizou dois projetos que envolveram o povo indígena Aikewára. Participamos ativamente das atividades do projeto “Nas Fronteiras das Narrativas Orais Tupi na Amazônia Paraense: Performatividade, História e Tradução” e pudemos observar as formas de resistência para manter vivas as tradições da cultura indígena.

A realização destes projetos entre os Suruí-Aikewára possibilitou a escuta da voz desse povo sobre suas tradições. Nesse sentido, observamos duas formas distintas de comunicação que convivem no interior da Terra indígena Sororó (local onde vivem os índios Suruí-Aikewára): a língua portuguesa, que entre outras funções, é utilizada com o propósito de interação e expressão pela luta dos direitos na sociedade ocidental e a pintura corporal (também chamada de grafismo), que assumem importantes papéis na comunicação, arte, diferença e resistência deste povo.

Conhecer um pouco da cultura e da história desta sociedade indígena e ter convivido com alguns deles, quando estiveram em Belém foi fundamental para nossas conclusões. O cotidiano na Terra Indígena Sororó, no sudeste do Pará, mostra para a sociedade brasileira que a cultura deste povo indígena, que habita a Amazônia paraense, em processos tensos, dialoga com aspectos da cultura ocidental, mas, na medida do possível, sem deixar de lado suas raízes culturais.

A língua portuguesa e sua utilização na aldeia e fora dela, atuando na comunicação, na luta pelos direitos e em uma importante instituição, a escola indígena, será o primeiro ponto abordado neste texto. Em seguida, entraremos no universo do grafismo Aikewára, que nos revelará, através de suas formas e cores, a realidade desses índios, repleta de personagens que habitam a floresta que rodeia esse povo e mantém intensa interação com o cotidiano desse povo.

### Língua portuguesa, escola, cultura e cidadania

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes, duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua- recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais-, mas também e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN: 2000, p. 347)

Os Suruí-Aikewára, povo de língua Tupi, começaram a utilizar o português, no início dos anos de 1960 para conseguir se comunicar com os não índios e evitar o extermínio de sua população, em função do contato sistemático com a sociedade envolvente. Atualmente, a realidade linguística entre eles é bastante

heterogênea: a maior parte dos Aikewára é bilíngue, mas alguns índios mais velhos falam apenas a língua Aikewára, enquanto a maioria dos mais jovens e as crianças tem como língua materna o português.

Durante a realização dos projetos entre eles, o contato com a língua portuguesa escrita, que só acontecia sistematicamente na escola, ficou um pouco mais diversificado. Agora, no aikewara.blogspot.com, Tiapé Suruí, uma das vozes forte da aldeia faz reivindicações políticas e se posiciona a respeito da construção de Belo Monte, por exemplo.

Livros e DVDs foram lançados pelos projetos, com a finalidade de registrar e difundir a cultura Aikewára. Nestes registros, a cultura Aikewára é representada pelas narrativas orais, que atravessaram gerações, mas que agora ganharam versões literárias, escritas pelos próprios Aikewára. Por meio destes estímulos, os Suruí-Aikewára atentaram para os diversos usos da língua portuguesa e começaram a dar mais ênfase ao aprendizado desta língua. A escola começou a ser vista com outros olhos, como formadora de vozes reflexivas e como forte protagonista na luta pelos direitos indígenas fora de suas terras.

O principal desafio deste projeto é traduzir a cultura Aikewára para registros escritos e audiovisuais, respeitando suas singularidades. Nosso objetivo é contribuir com a construção de um currículo escolar que traduza a cultura tradicional desta sociedade e favoreça a efetivação de uma escola indígena realmente diferenciada. Estaremos, juntos, com eles, encontrando estratégias para que possamos das novas tecnologia da informação e lhes dar um significado social dentro da história Aikewára do presente. (NEVES: 2010, p.2)

A finalidade dos projetos entre os Aikewára não era interferir na cultura e nos hábitos dessa sociedade, ou impor a presença da língua portuguesa na vida dos habitantes da Terra indígena Sororó. O que se desejava era utilizar essa língua como estratégia para a preservação, valorização e difusão de uma cultura que existe.

Durante as atividades em Sororó, alguns jovens indígenas tiveram oportunidade de começar a escrever as histórias dos Aikewára e outros, que já sabiam escrever, conseguiram aprimorar um pouco mais a língua escrita.

Murué Suruí, uma jovem e talentosa escritora Aikewára, é um exemplo deste processo. Ela ouvia diversas narrativas de sua avó Arihêra, contadas na língua Aikewára. A jovem indígena transcreveu essas narrativas no livro "Histórias dos índios Aikewára" (SURUÍ, 2011), que integra a série de três livros produzidos pelo projeto, lançados pela Editora Unama em 2011, com o apoio do projeto Criança Esperança e Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia - FIDESA.

Murué Suruí, desde bem cedo foi alfabetizada em língua portuguesa. Como teve acesso à escola, utilizou suas habilidades na língua adquirida para registrar as histórias de seu povo.

"A Ywyratynga e o mutum" é uma narrativa que relata o nascimento do povo Aikewára, a partir da perspectiva de uma índia que dominou, dentro do seu contexto, os gêneros discursivos e nos presenteando com uma obra incomparável.

Figura01: Livro



## A YWYRATYNGA E O MUTUM

**T**udo começou assim...

Certo dia um guerreiro avisou para a família que iria buscar a taboca lá no alto da montanha.

Pegou seu arco e flecha e saiu floresta acima, quando já estava no meio do caminho, começou a chover.

(SURUÍ, 2013, P. 34)

A presença dos gêneros orais, que são a base das culturas indígenas, nas aulas de língua portuguesa é imprescindível por dois grandes motivos: primeiro, para fortalecimento da identidade étnica. O trabalho com os gêneros orais indígenas permite ao aluno entender a função social deste gênero na sua sociedade, bem como refletir sobre suas características, usos e contexto de utilização e também funciona como coadjuvante no processo de ensino aprendizagem de uma segunda língua.

Para a professora Ivânia Neves, que coordenou as ações do projeto:

O aluno, se bem orientado, pode começar a produção de textos escritos, a partir das narrativas orais. Um bom professor pode explicar os mecanismos linguísticos para que esta tradução do oral possa ser feita. Num processo contínuo de aprendizagem da escrita, o aluno pode compreender a função dos enunciados. A partir da oralidade também é possível distinguir as estruturas mais formais do uso da língua das coloquiais. Além disso, o uso das práticas de linguagem indígenas na escola também ajuda a modificar a visão de que suas práticas culturais são inferiores, fortalecendo-se a identidade linguística indígena. (comunicação pessoal em 2011)

O texto a seguir, parte dos arquivos do projeto, foi produzido durante uma das oficinas realizadas pelo projeto, que teve como base uma narrativa contada pelos Aikewára mais velhos.

Figura 02: Texto Aikewára

Data: / /

Era uma vez uma História do índio e do mutu, Wirating  
 que havia uma grande tempestade que tudo se acabou  
 com a grande chuva.

Terceiro um índio que foi na mata Busta tabola foi quando  
 veio um grande chuva que encheu tudo, e o índio teve que  
 subir no pé de coqueiro lá ele ficou esperando que a água  
 baixasse, então o índio estava. Vários animais como o  
 Tucano, papagaios, arara etc.

então o índio ouviu um Barulho e pensou de ser o meu  
 porto, o índio depressa desceu do coqueiro porque pensava  
 que era o seu porto que estava batendo mais era a chuva  
 e os outros animais.

o índio desceu foi procura o seu porto, mais não encontrou  
 e ele gritou, gritou de tanto grita ele ficou pensade.

e viu a mandioca se rabeu e deixou para sear  
 outra vez foi procura seu porto. e saiu gritando, gritando  
 quando ele voltou a massa não estava lá, no lugar  
 onde ele deixou, então ele pensou que era o seu porto  
 mais era o mutu e Wiratin que levou a massa para dentro  
 da pedra para as cutia não comer.

e o índio disse Há, se Wiratin e mutu fosse mulheres eu  
 casaria e não ficaria só.

foi quando a Wiratin se transformou em mulher e o índio  
 se casou com ela, foi assim que surgiu o nosso Porto  
 da Wiratin.

Nome: Wiratinga Surui

Fonte: Arquivos do Projeto

Vivemos em um mundo de diferenças, sejam elas étnicas, linguísticas ou culturais. Para que os indígenas possam exercer seu papel de cidadãos críticos e reflexivos na sociedade em que vivem e fora dela, é preciso que eles ampliem suas fronteiras, mas como fazer isso? Essa é a função da instituição escola, que deve entender o processo educacional não como imposição de uma cultura tida como superior sobre outra, mas como estrutura para a participação ativa na conquista de seus direitos e cidadania. As escolas já estão nas aldeias. Muitos índios no território brasileiro falam português, porém a proposta para reflexão é: será que eles instituem a língua como instrumento de democracia?

**Grafismo Aikewára: comunicação, arte, diferença e resistência.**

A abordagem sobre pintura corporal como “linguagem que trabalha imagem, representação e subjetividade” (GARCIA: 2005, p. 10) é indispensável para entender como o corpo pode revelar marcas de identidade cultural e diferenciação entre os índios Aikewára. Como nos explica Cucho (2002: p. 177):

Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista). Nesta perspectiva, a identidade cultural aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/ eles, baseada na diferença cultural.

A identidade dos índios Aikewára, assim como a de muitos povos indígenas brasileiros, dialoga com elementos da sociedade ocidental como roupas e sapatos industrializados, mas também reserva um espaço para expressões próprias a sua cultura, marcando um lugar para sua diferenciação, a exemplo da pintura corporal que se utiliza de tintas de jenipapo e urucum como matéria prima principal.

É possível encontrar uma pluralidade de identidades no corpo Aikewára, que se alternam e se complementam orquestradas pelos desejos e pelas necessidades destes sujeitos. (NEVES: 2010, p.6).

Ao refletir sobre a pintura corporal Aikewára, torna-se pertinente considerar o ponto de vista de Jeudy (2002, p. 90, grifo nosso):

Não se sabe por que as pinturas corporais responderiam a uma função coletiva nas sociedades primitivas e uma função de individualização nas sociedades ocidentais. Ao contrário, a complexidade da pintura sobre a pele liga-se ao fato de que ela traduz simultaneamente uma expressão coletiva e individual. As modalidades simbólicas não são as mesmas, mas essa confusão entre individual e coletivo persiste, como se a própria pele fosse lugar da manifestação coletiva daquilo que é justamente pessoal. Pinturas corporais [...], são provas públicas de uma socialização da pele como texto oferecido à visão coletiva.

Antes de continuar a reflexão sobre pintura corporal, no entanto, vamos substituir o termo *sociedades primitivas* por *sociedades indígenas*, por dois motivos: os Aikewára formam uma sociedade indígena, e avaliá-los como sendo primitivos, ou mesmo o sentido contrário que esse termo possa assumir, não é o objetivo deste texto. É relevante também refletir que a palavra *primitivo* está carregada de preconceito, conceituando-os como inferiores.

Nos registros visuais realizados pelo grupo de pesquisa durante as oficinas coordenadas pela professora Ivânia Neves com os Aikewára, desde muito cedo foi entendido por esta sociedade que o corpo pode ser suporte de uma marca identitária, realizando o jogo entre identificação e diferenciação, vindo a confirmar que:

Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação. (CUCHE, 2002, p. 183).

Em outras palavras, o contato dos Aikewára com as suas imagens foi importante para que eles pudessem estabelecer parâmetros de diferença entre o que é e o que não é Aikewára. Se por algum momento da história desta sociedade a pintura corporal, traço identitário da Aikewára, fora deixado de lado, a relação dialética entre identidade e alteridade tornou-se possível através de suas imagens nos registros visuais.

Torna-se importante neste ponto do texto, refletir sobre os movimentos que envolvem essa retomada da relação do corpo como representação cultural e entendê-lo de forma a transitar em uma “região de fronteira, de reestruturação e de negociação cultural”, não de forma rígida e definitiva, mas “que se alternam e se complementam orquestradas pelos desejos e pelas necessidades destes sujeitos” (NEVES, 2010).

Para o povo Aikewára, a pintura corporal, também chamada de grafismo, assume papéis significativos em sua cultura. Uma das pessoas mais importantes para os habitantes da terra Sororó e também para a cultura desse povo, o pajé Mihó utiliza a pintura corporal para uma importante prática entre os Aikewára, a performance corporal no ato de narrar as histórias:

Mihó Suruí, um dos pajés do grupo, normalmente, quando vai contá-las, faz uma pintura corporal relacionada a elas, canta e dança durante a narrativa e se utiliza de uma série de gestos e sons para compor sua performance. (NEVES 2010)

Performatividade, talvez seja o termo mais adequado quando se fala sobre o ato de narrar as histórias dos Aikewára. Isso porque, durante as narrativas, as palavras não assumem o mesmo papel que na sociedade ocidental, elas dão lugar a performances “que envolvem a voz, a música a dança e o grafismo corporal” (CORREA & NEVES, 2010) à história que está sendo contada. Diante desta realidade, a pintura corporal adquire um papel funcional nessa cultura, pois ela está intimamente relacionada às narrativas Aikewára.

O grafismo também está presente na realização do *Sapurahai* (figuras 3 e 4), manifestação tradicional, acompanhada de música e dança. Na realização dessa manifestação cultural, índios de todas as idades cantam e dançam pitados de jenipapo e urucum. Sobre o *Sapurahai*, Correa & Neves (2010, p. 22) nos explicam:



Figura 3- Mihó Suruí

Foto: Lariza Gouveia

Para os Aikewára começarem uma festa tradicional, um *Sapurahai*, além de suas danças e músicas é preciso estar a caráter. É preciso estar pintado. Um *Sapurahai* é muito provavelmente o principal motivo para os Aikewára se pintarem.

Podemos afirmar que o grafismo Aikewára sofreu movimentos relacionados à crise populacional atravessada por este povo: ele nasceu, quase morreu e renasceu. O grafismo desapareceu, assim como muitos costumes tradicionais foram alterados durante o período de depopulação que esse povo atravessou (nessa época os Aikewára chegaram a somar 33 índios), e ressurgiu pelas mãos preocupadas com a cultura Aikewára, mãos que se dedicaram a preservação e resistência da cultura desse povo. As mãos da índia Mãezinha, que ensinaram “Maria e Arihêra, as duas mãezonas da aldeia deste início de século” (CORREA & NEVES, 2010), que aprenderam e hoje ensinam e criam novos grafismos.

Outra manifestação, desta vez relacionada ao lado espiritual, que reúne o povo Aikewára em grande celebração, também faz uso das pinturas corporais, como “vestimenta” para esta celebração, como nos informa Correa & Neves (2010, p. 22):

No Karuwara, por exemplo, homens e mulheres devem se pintar antes de começar as festividades. Segundo Murué Suruí: “o Karuwara é uma festa espiritual que é realizada de quatro em quatro anos, depois das queimadas das roças. Para nós, povo Aikewára, é muito importante realizar esta festa, porque o Karuwara é o espírito dos nossos antepassados”.

O grafismo Aikewára ajuda o povo da Terra Sororó a enfrentar questões como a depopulação, que quase os levou à extinção, e ao mesmo tempo é uma estratégia cultural/artística, pois a pintura pode funcionar como um aliado para enfrentar os momentos de crise. Esse fato nos leva a refletir sobre o caráter de resistência que a arte (através do grafismo Aikewára) pode assumir em uma sociedade.

Outro aspecto social importante em torno do grafismo está relacionado à confecção das tintas usadas na pintura corporal, que se utiliza de jenipapo, urucum e carvão. A primeira etapa começa na floresta, na extração dos frutos e em seguida ela é produzida pelas mulheres da aldeia. Também a cargo das mulheres está a realização das pinturas nos integrantes da aldeia (CORREA & NEVES, 2010).

A pintura corporal Aikewára conta muito da relação desse povo com o meio onde eles vivem, a floresta. Ela dialoga com personagens do mundo da floresta que interagem com os Aikewára sem fronteiras ou barreiras. Apenas a relação homem-meio ambiente, como podemos verificar em algumas fotografias.

Na figura 4, o pequeno índio está pintado de “rastro de porcão”, animal muito importante na cultura Aikewára, pois representa uma importante caça para eles. Este grafismo é geralmente usado pelos homens da aldeia, representando fartura alimentar.

Figura 04



Foto: Monica Cruvinel

A figura 5 representa para os Aikewára o *Inamuí*, pintura corporal utilizada somente por meninas e mulheres durante a época do *Sapurahai*. Ocasão quando os homens da aldeia celebram os espíritos de seus antepassados fechados em um local específico onde não é permitido em hipótese alguma a presença feminina.

Figura 5 - Inamuí



Foto: Lariza Gouvêa

Na figura 6, temos a presença de uma importante personagem da floresta, a onça. Ela possui quatro diferentes tipos de grafismo: “a onça preta, a onça pintada, a onça vermelha e a oncinha. Esta última exclusivamente feminina. Já as outras são masculinas” (CORREA & NEVES, 2010). Na foto ao lado temos a onça preta.



A pintura corporal na sociedade indígena Aikewára assume aspectos sociais que estão relacionados a elementos como comunicação, resistência, sobrevivência cultural e religiosidade. Revelando o corpo Aikewára como suporte para representações socioculturais. Desvelando inscrições carregadas de história, religiosidade e relação com a natureza.

### Considerações Finais

Os usos sociais da língua portuguesa pelo povo Aikewára, hoje, assumem aspectos cotidianos importantes na vida desse povo, podemos tomar como exemplo, as inúmeras reivindicações por saúde, pela preservação de suas terras e pelo desejo de registrar suas narrativas orais. Com estes objetivos, a presença da língua portuguesa na escola Aikewára pode ser utilizada como instrumento social para o exercício da cidadania e, não mais apenas como instrumento de dominação.

Através do grafismo, uma das principais manifestações culturais desses habitantes da floresta, percebemos que os Aikewára mostram ao mundo sua forma de interagir, reinventar e produzir cultura. Apresentando sua relação com o meio onde vivem e, dialogando com personagens desse universo.

A partir dessas duas formas distintas de comunicar, percebemos os Suruí-Aikewára como um povo produtor de cultura estão interessados em preservá-la em diferentes suportes.

### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. M. *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, Mikhail. M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JEUDY, Henri-Pierre. *O Corpo como objeto de arte*. São Paulo. Editora Estação Liberdade, 2002.
- GARCIA, Wilton. *Corpo, Mídia e Representação: estudos contemporâneos*. São Paulo. Thomson, 2005.
- CORREA, Maurício Neves & NEVES, Ivânia dos Santos. *Sentidos da Pele Aikewára: urucum, jenipapo e carvão*. Belém-Pa. Editora Unama, 2011.
- CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru. EDUSC, 2002.
- NEVES, Ivânia. *A Invenção do Índio e as Narrativas Orais Tupi*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_, Ivânia. *Materialidades da história do presente: corpo, mediações e discursos entre os Aikewára*, 2010.  
<<http://www.unama.br/forumdeletras/images/stories/2010/pdf/sujeito-e-predicado/ivania-dos-santos-neves.pdf>> Acesso em: 15 dez. 2011.  
SURUÍ, Murué. *Histórias dos índios Aikewára*. Belém: Editora Unama, 2011